

## “SORRIA! JESUS TE ACEITA”: UM ESTUDO SOBRE ASSIMILAÇÃO E ACOMODAÇÃO EM UMA COMUNIDADE DE PRÁTICA EVANGÉLICA INCLUSIVA<sup>1</sup>

Carolina Rabelo de Sousa<sup>2</sup>

Marcos Luiz Wiedemer<sup>3</sup>

**RESUMO:** Neste artigo, partimos da hipótese que os membros de certas comunidades de práticas, conforme se engajam, utilizam índices (indexadores) para marcar o pertencimento e sua identidade em determinado grupo. Dessa forma, temos como objetivo demonstrar os resultados da análise de usos linguísticos de membros ingressantes em uma determinada comunidade de prática, processo que estamos denominando de assimilação/acomodação. Para tal, a pesquisa é desenvolvida mediante a abordagem sociolinguística, especificamente da terceira onda (WENGER, 2000, ECKERT; McCONNEL-GINNET, 1992, 2003, ECKERT, 2005, 2012), e a comunidade de prática estudada é uma igreja evangélica inclusiva, Igreja Cristã Contemporânea, situada no município de Niterói-RJ. O aparato-metodológico utilizado é a pesquisa qualitativa-interpretativa, etnográfica e a observação participante. Para a análise, utilizamos dados extraídos de interação do grupo a partir do suporte de aplicativo *WhatsApp*. Como resultado, podemos perceber as diferenças de engajamentos e os usos de indexadores dos membros na participação, no grupo virtual. Enquanto os membros mais novos apresentam menos práticas, notamos em seus discursos o desejo de integração; os membros mais antigos dominam mais o repertório linguístico e compartilham os traços identitários da comunidade.

**Palavras-chave:** Comunidade de Prática; Assimilação/Acomodação; Sociolinguística.

## “SMILE! JESUS ACCEPTS YOU”: A STUDY ON ASSIMILATION AND ACCOMMODATION IN AN INCLUSIVE EVANGELICAL PRACTICE

**ABSTRACT:** In this paper, we depart from the hypothesis that members of certain communities of practice, as they engage, use contents (indexers) to mark belonging and their identity in a certain group. Thus, we aim to demonstrate the results of the analysis of linguistic uses of members entering a given community of practice, a process we are calling assimilation/accommodation. The research is developed using the sociolinguistic approach, specifically the third wave (WENGER, 2000, ECKERT; McCONNEL-GINNET, 1992, 2003, ECKERT, 2005, 2012), and the studied community of practice is an inclusive evangelical church, denominated Contemporary Christian Church, located in the municipality of Niterói-

<sup>1</sup>Este texto retoma algumas reflexões desenvolvidas na dissertação de mestrado de Rabelo de Sousa (2019).

<sup>2</sup>Doutoranda em Linguística Aplicada em pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Linguística Aplicada Mestre em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: carolinarabelo87@gmail.com  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5407-6551>

<sup>3</sup>Professor adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), atuando no curso de Letras (Português/Inglês) e no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPLIN), na Faculdade de Formação de Professores. Bolsista do Programa Prociência/FAPERJ. Membro (pesquisador) dos Grupos de Pesquisa *Discurso & Gramática* - UFF e *Estudos Sociofuncionalistas* (UFMS); é líder do Grupo de Pesquisa *“Interfaces”Linguísticas* (UERJ). RJ, Brasil E-mail: mlwiedemer@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0924-1030>

RJ. The methodological apparatus used is the qualitative-interpretative, ethnographic research and the participant observation. For the analysis, we used data extracted from group interactions with Whatsapp application support. As a result, we can see differences in terms of engagement and members' indexers uses in the virtual group. Although the newer members have less practice, we notice in their speeches the desire for integration. In turn, older members dominate the language repertoire and share the identity traits of the community.

**Keywords:** Community of Practice; Assimilation/Accommodation; Sociolinguistics.

## Introdução

“[...] as formas linguísticas não detêm nenhum poder, a não ser o atribuído pelas bocas e pelos ouvidos das pessoas: falar sobre significado sem levar em conta as pessoas que significam e as práticas da comunidade por meio das quais essas pessoas dão sentido às suas palavras é, na melhor das hipóteses, uma visão limitada”.

*Penelope Eckert e Sally McConnell-Ginet (2010, p.106)*

O campo de estudos sociolinguísticos há muito comprovou que a variação e a mudança da língua são motivadas por fatores de ordem linguística e extralinguísticas. A premissa destes estudos é que as variedades linguísticas carregam o status social de seus falantes. Porém, Eckert (2000, 2005, 2012) propõe um debate sobre os rumos do significado social nos estudos variacionistas e destaca uma proposta pautada que centra o foco na variação vista não como o reflexo do lugar social, mas como um recurso para a construção social, que através da interação regular e do aprendizado diário desenvolvem práticas comuns e repertórios linguísticos específicos. Essas práticas resultam na construção identitária da comunidade, que são formadas por pessoas que se unem em torno de um mesmo interesse, um engajamento mútuo em um empreendimento comum (ECKERT; McCONNELL-GINET, 1992).

Segundo Eckert (2000, 2005), as identidades individuais e coletivas estão sendo constantemente negociadas e renegociadas através de interações sociais, ambas expressas e constituídas por meio do diálogo. Nesse sentido, a identidade não é fixa e unitária, pois diferentes tipos de identidade podem ser experimentados, em contextos diferentes (WOODWARD; HALL, 2003). Nas palavras de Eckert (2000, p. 4-5), “o estudo do significado da variação Sociolinguística é o estudo da relação entre variação e identidade [...] Significado social e identidade têm a ver com as formas de engajamento

das pessoas em comunidades de prática e no mundo em geral”.

A partir da perspectiva da comunidade de prática (CP daqui em diante), o indivíduo deixa de ser percebido como mero componente social e passa a ser tido como parte da comunidade, que se manifesta em suas formas de engajamento. As identidades, então, são construídas pela participação do indivíduo em diferentes comunidades de prática. Uma das maneiras de se fazer isso é através da prática estilística, a qual envolve a criação de maneiras distintivas de falar, que culmina na construção de uma persona. É interessante observar que o uso de variantes está mais relacionado às práticas de um agrupamento do que à própria categoria. Ou seja, a questão do uso de variantes está muito mais relacionada às práticas que ocorrem em uma comunidade do que ao agrupamento analisado (ECKERT, 2005).

Assim, neste artigo, partimos da hipótese que os membros de certas comunidades de práticas, conforme se engajam, utilizam índices (indexadores) para marcar o pertencimento e sua identidade em determinada CP, processo que estamos denominando de assimilação/acomodação.

A CP de nossa pesquisa é uma igreja evangélica inclusiva, Igreja Cristã Contemporânea (ICC), situada no município de Niterói-RJ. Para tal finalidade, a pesquisa procura observar a identidade da presente comunidade e quais são os repertórios linguísticos compartilhados. A ICC foi escolhida porque nos chamou atenção a sua característica inclusiva, embora esse não seja o foco da nossa pesquisa, não poderíamos deixar de lado esse ponto. Sabemos que a comunidade LGBT sofre preconceitos em vários aspectos e principalmente no mundo religioso. As igrejas inclusivas foram criadas para acolher a todos, como o próprio lema da igreja Contemporânea diz: “Sorria! Jesus te aceita”. Tivemos também como objetivo contribuir com a divulgação da igreja estudada, ao desfazer estigmas e preconceitos da comunidade LGBT no camporeligioso.

Essa pesquisa insere-se no campo da pesquisa qualitativa-interpretativa e da etnografia e utilizamos dos usos linguísticos oriundos de interação do grupo do aplicativo *WhatsApp* como instrumento de geração de dados. Os dados de nossa pesquisa foram gerados na ICC, pertencente ao grupo pentecostal.

## A noção de Comunidade de Prática: breve revisão

Eckert e McConnell-Ginet defendem a adoção do conceito de CP:

Para explorar com algum nível de detalhamento como a prática social e o “lugar” individual na comunidade interligam-se, sociolinguistas necessitam de uma concepção de comunidade que articule lugar e prática. Por esta razão adotamos a noção de *comunidade de prática* de Jean Lave e Etienne Wenger. O conceito de comunidade de prática retira da noção de comunidade sua caracterização em termos de localização ou população e define uma comunidade pelo seu engajamento social-afinal de contas, linguagem serve a esse engajamento- e não ao lugar ou às pessoas como uma coleção de indivíduos (ECKERT; McCONNELL-GINET, [1992] 2010, p. 102).

Assim, a variação é tida como um sistema complexo de significados sociais dentro de uma CP, que pode ser manipulado localmente pelos indivíduos na construção da identidade. Dessa forma, é dada ênfase no falante, pois considera este como agente contínuo na construção da identidade pessoal e coletiva, não como mero portador passivo e estático de dialetos. As identidades das comunidades de prática são desenvolvidas através de determinadas práticas sociais e mediadas pela linguagem (WENGER, 1998).

As pessoas participam de múltiplas comunidades de prática, e a identidade individual é baseada na multiplicidade dessa participação. Em lugar de conceber o indivíduo como uma entidade à parte, pairando sobre o espaço social, ou como um ponto em uma rede, ou como um amontoado de características sociais, precisamos focar as comunidades de prática. Tal foco possibilita-nos ver o indivíduo como agente articulador de uma variedade de formas de participação em múltiplas comunidades de prática (ECKERT; McCONNELL-GINET, 2012, p.103).

A partir das pesquisas de linguagem e gênero das autoras Eckert e McConnell-Ginet(1992) apontam que:

Uma comunidade de prática é um agregado de pessoas que se reúnem em torno do engajamento mútuo em um empreendimento. Maneiras de fazer as coisas, formas de falar, crenças, valores, relações de poder - em suma, práticas - emergem no decorrer deste empreendimento mútuo. Como construção social, uma comunidade de prática é diferente da comunidade tradicional, principalmente porque é definida simultaneamente por sua associação e pela prática em que essa participação se envolve (ECKERT; McCONNELL-GINET, 1992, p.464).

Retomando a definição de CP de Eckert (2000, p. 35), temos:

Uma comunidade de prática é um agregado de pessoas que se juntam em função de algum empreendimento. Unidas por esse empreendimento comum, as pessoas passam a desenvolver formas de fazer as coisas, formas de falar, crenças, valores – resumindo, práticas – como uma função do engajamento mútuo deles na atividade.

Assim, uma CP é um agregado de indivíduos que negociam e aprendem práticas que contribuem para a satisfação de um objetivo comum. As práticas envolvem muitos aspectos de comportamento, interação e linguagem; as atividades que os membros desempenham para pertencer e permanecer em um determinado grupo deixam transparecer as práticas linguísticas em meio as práticas sociais e cotidianas. Através das comunidades de prática, podemos captar a dimensão heterogênea da linguagem, ao invés de homogeneizar os papéis sociais através de estratos sociais.

Holmes e Meyerhoff (1999) mencionam que o processo de se tornar e se manter membro de uma determinada CP, assim como sua trajetória hierárquica (membros periféricos e centrais) envolvem a aprendizagem e neste processo está inserida a aquisição de uma “competência Sociolinguística”.

O processo de se tornar um membro da CofP envolve a aprendizagem. Aprendemos a executar adequadamente em um CofP como corresponde ao nosso status de membro: inicialmente como um "membro periférico" mais tarde talvez um membro central (ou talvez não - uma maneira de escolher permanecer membro periférico). Em outras palavras, uma CofP envolve inevitavelmente as aquisições de competências sociolinguísticas. A CofP é uma forma de se concentrar no que os membros fazem: a prática ou as atividades que eles pertencem ao grupo e a medida em que eles pertencem (HOLMES; MEYERHOFF, 1999, p. 175- 176).

A partir da definição de CP, Wenger (1998) estabelece três dimensões fundamentais: *engajamento mútuo*, *empreendimento comume* e *repertório compartilhado*. O engajamento mútuo é a primeira propriedade fundamental pois é o que garante as relações em uma CP. As interações constantes fazem emergir o engajamento dos sujeitos envolvidos, pois através de suas ações, e da cooperação entre os membros que as práticas surgem.

Wenger (1998) ressalta que o engajamento mútuo pode ser harmonioso ou conflituoso, de modo que uma CP não é necessariamente um grupo de amigos ou aliados. Podemos ter como exemplo um grupo de leitura de obras de escritoras feministas; as rotinas e práticas dessa comunidade podem ser principalmente positivas e construtivas, pois o envolvimento mútuo é útil às necessidades emocionais e práticas dos membros. Temos também como exemplo de engajamento mútuo harmonioso a igreja da nossa pesquisa: os fiéis da ICC têm como objetivo promover o Evangelho de Jesus Cristo e congregar o amor de Deus. O envolvimento conflituoso também pode ser

válido: nas reuniões dos ministros do Supremo Tribunal Federal (STF), os julgamentos e decisões podem gerar conflitos. As práticas como essas podem simplesmente perpetuar os conflitos existentes, mas ainda podemos falar do grupo como uma CP, pois satisfaz o requisito de envolvimento mútuo.

O empreendimento comum refere-se a um processo de relacionamento e responsabilidade mútua em que ocorrem negociações e contribuições para o desenvolvimento da comunidade. É a busca desse empreendimento que cria relações de responsabilidade mútua entre os participantes (WENGER, 1998). Assim, não é um objetivo compartilhado; é o resultado de um processo coletivo, cuja contribuição pessoal de cada membro reflete na comunidade. As negociações do empreendimento comum ocorrem através de um repertório compartilhado (linguísticos ou não) que reflete no histórico do engajamento mútuo. O repertório compartilhado é a terceira propriedade fundamental na constituição da CP, que se incluem recursos linguísticos, como uma terminologia especializada e rotinas linguísticas, mas também outros recursos semióticos como gestos, fotos; através desse repertório compartilhado que as práticas da comunidade irão surgir.

Eckert e McConnell-Ginetressaltam o conceito de repertório compartilhado das CP:

O que os sociolinguistas chamam de repertório linguístico é um conjunto de recursos para articulação de múltiplos pertencimentos e formas de participação. [...] Uma forma de falar em uma comunidade não significa algo como ligar o interruptor linguístico de uma comunidade específica, nem é uma reivindicação simbólica de pertencimento aquela comunidade, mas sim uma articulação complexa das formas de participação do indivíduo naquela comunidade e em outras que são relevantes naquele momento (ECKERT; McCONNELL-GINET, 2010, p.106).

Indivíduos podem pertencer ou participar de diversas CP e seus membros são mutuamente constitutivos. O tipo de papel que desempenham em uma CP refletirá, em parte, sua própria história pessoal e objetivos, e também os objetivos do grupo que está envolvido conjuntamente nessas práticas.

A participação, permanência e trajetória de um indivíduo em uma CP dar-se-á a partir da aquisição do repertório compartilhado, da assimilação dos objetivos do empreendimento comum e dos padrões estabelecidos de engajamento com outros membros. Esses critérios são os fatores que permitem aos membros de uma comunidade diferenciarem, pois, dependendo dos seus desempenhos, os membros se tornam mais ou

menos ativos em umacomunidade. Assim, Eckert e McConnell-Ginet (2010, p. 103) enfatizam a dinamicidade das CP: “comunidades de prática podem ser grandes ou pequenas, intensas ou difusas; elas nascem e morrem, podem sobreviver a muitas mudanças de membros e podem estar intimamente articuladas a outras comunidades”.

As pessoas fazem parte de várias CP e as suas identidades são construídas nessa multiplicidade de participações. Eckert (2005) defende que, durante o engajamento conjunto, os indivíduos nas comunidades de prática desenvolvem práticas. Essas práticas envolvem a construção da *persona* (identidade) em colaboração de um sentido em relação a si próprio e em relação aos outros. Dessa forma, as práticas emergem quando os sujeitos se engajam uns com os outros através de suas ações; a cooperação entre os membros pode ser de ordem linguística ou contextual. As práticas sociais regulam os usos da língua e o êxito de nossas atividades de interação, a dimensão global dos usos da língua acontece sempre como práticas sociais e sob a forma de textos.

O pressuposto por detrás da noção de CPs é que é através dessas práticas – envolvendo a questão da identidade – que a produção de significados sociais ocorre; tais significados são vinculados à linguagem. Trata-se, portanto, de espaços interacionais onde as identidades, tanto individuais como grupais, vão sendo construídas. É na CP que as diferenças individuais são percebidas, recebem significado e são avaliadas; esses significados passam a ser compartilhados pelos membros dessa comunidade e são transportados para outras comunidades das quais aqueles membros também participam. E é o conjunto das comunidades de prática, em diferentes locais sociais, que constitui o grupo de práticas que são vistas como cultura de classe, cultura étnica, práticas de gêneroetc.

Assim, a CP se caracteriza por três aspectos: (i) engajamento mútuo; (ii) empreendimento comum; (iii) troca de repertório entre os membros, conforme já demonstrado. O primeiro envolve as interações regulares; o segundo trata do processo de negociação em direção a um empreendimento maior, sendo que essas negociações refletem o entendimento dos participantes em relação a seus papéis na comunidade onde estão inseridos; o terceiro envolve o repertório compartilhado pelo grupo, como certos usos linguísticos, gestos, rotinas etc. (MEYERHOFF & HOMES, 1999).

### A inclusão através da comunidade deprática

Se queremos compreender os processos de variação/mudança da língua, devemos considerá-los no contexto das CP dos falantes, que usam recursos linguísticos específicos, em que produzem inovações, e essas inovações se espalham pelas redes que esses indivíduos fazem parte. Sem uma comunidade integrada de falantes, uma comunidade de pessoas que se comunicam entre si, mas sem engajamento, nada pode acontecer.

Assim, partimos da hipótese que os membros de certas comunidades de práticas, conforme se engajam, utilizam índices (indexadores) para marcar o pertencimento e sua identidade em determinado grupo. Dessa forma, acreditamos que os membros ingressantes em uma determinada CP utilizam de determinados recursos linguísticos – muitas vezes estilísticos -, processo que estamos denominando de assimilação/acomodação.

O primeiro passo da metodologia foi identificar uma CP que nos possibilitasse estudar a *participação dos indivíduos, observando quais índices (indexadores) marcam seus engajamentos*. O primeiro contato que tivemos com a CP (ICC de Niterói-ICCN) estudada foi em um culto dominical, chegamos à igreja sem conhecer ninguém e fui bem recebidos pelos fiéis e por um dos três pastores. Foi-nos perguntado como conhecemos a ICCN, então relatamos que estávamos realizando uma pesquisa de mestrado na área de Linguística, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e conversando com amigos próximos descobrimos a igreja ICCN e resolvemos conhecer. Após esse primeiro contato e autorização para realização da pesquisa, fomos adicionados no grupo de interação do *Whatsapp*, que é um o instrumento utilizado nesta pesquisa<sup>4</sup>, pois através do grupo virtual de estudos do IDE conseguimos observar a interação entre os novos membros com os integrantes mais antigos da igreja, podendo, assim, verificar as práticas realizadas, o engajamento mútuo e os indexadores que marcam cada grupo.

Na ICC, existem várias categorias de membros como: visitantes, alunos do IDE, ministros, diáconos, obreiros e pastores. Os visitantes são pessoas que estão indo pela

---

<sup>4</sup>Em Rabelo de Sousa (2019) é possível verificar todas os instrumentos de pesquisa utilizados. Aqui, por questão de espaço, realizamos um recorte da pesquisa.



primeira vez à igreja ou já estão frequentando há um tempo, mas não são considerados ainda membros. Os alunos do IDE ainda não são considerados membros efetivos, mas são frequentadores mais engajados que os visitantes por participarem das aulas do IDE. Os ministros são responsáveis pelos ministérios da igreja, são considerados contemporâneos e além de terem concluído o IDE, são dizimistas e batizados, conforme destacado no quadro (3), na página seguinte.

Os diáconos são aqueles que estão a serviço na igreja, são auxiliares dos dirigentes. Os obreiros têm a finalidade de servir a igreja e auxiliar o pastor, é visto como uma autoridade espiritual e clerical. O obreiro também deve orar pelos enfermos. O pastor é o líder espiritual do templo, é a pessoa que cuida de um rebanho de ovelhas e tem a responsabilidade de conduzir os fiéis.

Para a nossa pesquisa dividimos os membros em grupos e decidimos abordar apenas três grupos: visitantes, alunos do IDE e ministros, que serão representados com as seguintes nomenclaturas: visitantes, IDE e Ministérios, respectivamente.

<b>VISITANTES</b> Membros não efetivos	<b>IDE</b> Membros não efetivos que participam das aulas do IDE	<b>MINISTÉRIOS</b> Contemporâneos Dizimistas Batizados
---	--	---

**Quadro 01 – Grupos de análise**(Fonte: Rabelo de Sousa, 2009, p. 60).

Um fator importante para a discussão sobre a linguagem na sociedade é a utilização de determinado uso atrelado a CP. Assim, a variação/mudança linguística não depende unicamente de fatores sociais (idade, sexo, nível de educação e renda etc.) comumente como feito por trabalhos de cunho sociolinguísticos da primeira onda. Assim, o conceito de CP é relevante, pois demonstra que grupos específicos de pessoas se envolvem com tipos específicos de discursos.

Neste sentido, a produção do discurso de forma interacional é situada no interior de uma determinada atividade social, que, por sua vez, congrega inúmeras esferas sociointeracionais (uso de diferentes linguagens sociais). Já é sabido que cada esfera compreende determinado tipo de texto (falado/escrito), que apresenta “relativa estabilidade” (BAKHTIN, 2000, p. 279), que são rotinizados pela CP.

Sobre o assunto, Wiedemer e Oliveira (2015, p. 350) aludem que:

tais usos discursivos são sustentados por instituições, as quais constituem “padrões”, ou seja, determinadas configurações particulares de usos e modos regulares de falar/escrever. Neste sentido, como a prática discursiva está associada a outras práticas sociais, diferentes padrões de linguagens especializadas podem ser combinados para ativar uma determinada identidade particular ou determinada comunidade de prática.

Assim, “durante o engajamento conjunto em tais atividades, as pessoas constroem em colaboração um sentido de si e dos outros como certos tipos de pessoas, como membros de várias comunidades em múltiplas formas de filiação, autoridade e privilégio. Em todas elas, a linguagem interage com outros sistemas simbólicos” (ECKERT & McCONNELL-GINETT, 2010, p. 97), ou seja, o caráter da construção simbólica é reforçado neste modelo. Dessa forma, as pessoas e múltiplas comunidades de prática podem desenvolver padrões linguísticos na medida em que se engajam em atividades nas variadas comunidades das quais participam. Nesta proposta, de acordo com Wiedemer e Oliveira (2015, p. 351), “a visão do uso linguístico e da variação são reflexos de identidades sociais e categorias da prática linguística em que os falantes se colocam através da prática estilística”.

Dessa maneira, o acesso a determinado “uso”, gênero específico, que passa a criar índices, permite que um indivíduo seja “colocado” dentro de uma comunidade. Assim, a CP, aqui, investigada, podemos perceber a natureza pública de determinadas atividades comunicativas como ingrediente para a integração, tais como: (i) realização de Ceia do Senhor, 1º domingo de cada mês; (ii) identificação dos novos membros; (iii) canção da acolhida; (iv) reunião de apresentação. Todas essas atividades, de caráter público, permitem também a integração entre seus membros, em que esses devem utilizar de mecanismos participativos para fornecer informações e comentários, onde a comunidade passa a criar o gênero discursivo relevante para o grupo. Assim, o acesso e o engajamento inicial permitem que um indivíduo seja “colocado” dentro da CP.

Por outro lado, para manter sua coerência interna e demonstrar seu engajamento e o empreendimento comum, a CP, adota determinados atos discursivos específicos, que demandam conhecimento compartilhado pelo grupo, tais como: (i) diferenciar por cores (envelope amarelo/azul) nos cultos realizados; (ii) folhetos informativos; (iii) apostilas; (iv) denominações específicas (visitantes, dizimistas, contemporâneos, ministérios etc.). Tais atividades reforçam o terceiro critério que caracteriza a CP, o repertório de recursos compartilhados e desenvolvidos pelos membros. Uma CP, geralmente,

desenvolve um vocabulário específico para entidades que são importantes em seu engajamento conjunto. O grupo pode desenvolver convenções lexicais, determinados padrões ou rotinas linguísticas em suas interações, mas é importante, também, observar o repertório não linguístico, como gestos, formas de fazer coisas, ações e assim por diante.

Os critérios que são determinantes na definição de uma CP: engajamento mútuo; empreendimento comum e um repertório compartilhado (WENGER, 1998). Retomando as práticas descritas na metodologia e comentadas, acima, em relação ao empreendimento comum, é possível depreender dois subfatores: a responsabilidade mútua e a resposta local, critérios esses apontados por Wenger (1998). No caso dos dizimistas, o empreendimento comum é explicitado de forma claro, ou seja, os membros da comunidade devem ser capazes de especificar o empreendimento que está envolvido naquela prática.

Em relação ao terceiro critério que caracteriza a CP, o repertório de recursos compartilhados e desenvolvidos por seus membros, a utilização de folhetos, manuais demandam um vocabulário específico que marcam a importância do engajamento mútuo já desenvolvido pelos membros mais antigos. Essas práticas linguísticas são reforçadas por práticas não linguísticas, tais como os requisitos básicos para ser ministro (ter concluído o IDE; serbatizado). Vale lembrar que as expressões formulaicas, do campo da religião, constituem uma parte importante da prática comunitária, pois reforçam os laços comunitários, marcam os papéis e constroem identidades.

A seguir, temos um breve resumo de algumas práticas de inclusão dessa CP:

Natureza pública de determinadas atividades	Atos discursivos específicos	Integração dos membros
Realização de Ceia do Senhor; Identificação dos novos membros; Canção da acolhida; Reunião de apresentação.	Diferenciar por cores (envelopes); Folhetos informativos Apostilas; Denominações específicas.	Utilização de expressões formulaicas Diretrizes para participação

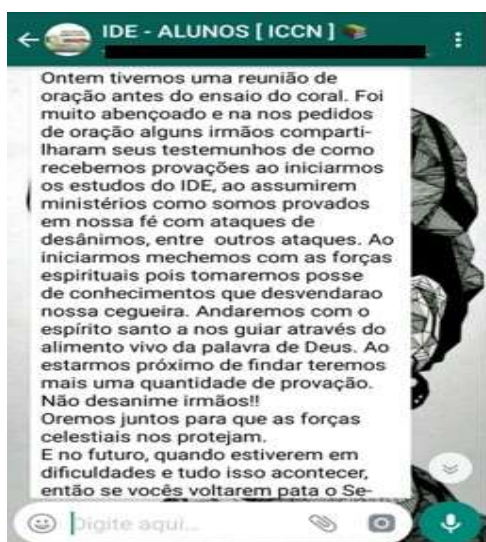
**Quadro 2 – Acesso e inserção à comunidade** Fonte: Rabelo de Sousa (2019, p. 60).

### **Análise no WhatsApp**

O grupo do *WhatsApp* do IDE denominado de: IDE-ALUNOS [ICCN] é constituído por alguns membros da comunidade, não somente pelos alunos do IDE, mas também por antigos membros, como os pastores, diáconos, ministros e alguns obreiros.

Nas reuniões do IDE, é comum membros antigos participarem das aulas, mas estes já não participam mais do grupo do virtual, geralmente quando os alunos concluem o IDE, eles saem do grupo do *Whatsapp*.<sup>5</sup> Nem todos os membros comentam ou conversam, marcando, assim, o engajamento mútuo dos participantes que mais interagem.

Quando os visitantes decidem participar da formação do IDE, são adicionados no grupo do *WhatsApp* e passam a frequentar o curso de formação. Os visitantes, recém incluídos no grupo virtual, tendem a demonstrar engajamento enviando testemunhos de fé e frases motivacionais; estas frases podem ser trechos bíblicos ou não. Na figura (1), a seguir, podemos observar o envio de um testemunho de fé de um novo integrante.



**Figura 01 – Não desanime irmão!**

Fonte: Rabelo de Sousa (2019, p. 77-79).



**Figura 2 – Vamos irmãos não vamos desistir!**

Escolhemos a figura (1), pois apresenta o início do engajamento do membro na comunidade, esse membro é um visitante que acabou de iniciar os estudos do IDE. O integrante já demonstra o domínio de termos específicos do repertório linguístico da comunidade como: *irmãos*, *testemunhos*, *provações*, *forças espirituais*, *posse*, *forças celestiais*, *espírito santo*, etc. Tais termos não são específicos apenas dessa comunidade,

<sup>5</sup> Utilizaremos imagens captadas no grupo, preservaremos os nomes e números de telefone de cada membro, as imagens serão nomeadas como figuras.

mas são categorizados como índices religiosos, pois apresentam significado dentro desse grupo.

Os visitantes são membros não efetivos, por isso são os que menos apresentam práticas, pois, segundo o conceito de comunidades de prática, são as práticas ou atividades que indicam quem pertencem ao grupo e a medida em que pertencem. No entanto, apesar da participação ainda ser periférica (HOLMES; MEYERHOFF, 1999), percebemos o envolvimento desse fiel nessa comunidade, através desse testemunho de fé, da participação na reunião de oração antes do ensaio do coral e o início aos estudos do IDE.

Em seu testemunho de fé, o membro se marcou como um integrante recente nessa comunidade através da frase: “*recebemos provações ao iniciarmos os estudos do IDE*”. Enquanto os membros mais antigos são marcados no trecho “*ao assumirem ministérios*”.

Além disso, na figura (1), a mensagem apresenta elementos que podem ser analisados a partir da narrativa canônica (LABOV, 1972), o participante inicia sua narrativa fazendo um resumo: “*Ontem tivemos uma reunião de oração antes do ensaio do coral*”. Em seguida, ele faz uma avaliação externa: “*Foi muito abençoado*”. Expressando sua opinião sobre o evento. No momento seguinte, o narrador revela a ação complicadora relatando o testemunho de outros irmãos e das provações que receberam ao iniciarem os estudos do IDE ou assumirem um ministério. No final, acontece a coda, o retorno para o tempo presente da narrativa: “*Não desanime irmãos!!! Oremos juntos para que as forças celestiais nos pretejam. E no futuro, quando estiverem em dificuldade e tudo isso acontecer [...]*”.

Nota-se na mensagem do seguidor, a importância da integração dos participantes no IDE no final da mensagem, cuja preocupação pelo empreendimento comum é revelada com o trecho: “*Não desanime irmãos!!! Oremos juntos para que as forças celestiais nos protejam*”.

Na figura (2), o mesmo membro da imagem anterior, figura (1), busca o engajamento mútuo definido por Wenger (1998), que se caracteriza pela interação regular, devida sua constante participação no grupo virtual. O praticante lança no grupo uma mensagem de incentivo para os outros alunos do IDE irem à aula, que será realizada no outro dia (domingo): “*Amanhã temos IDE Vamos irmãos não vamos*

*desistir!!!*”. Tal frase traz um apelo motivacional, demonstrando o desejo de união dos membros: *“Juntos somos mais fortes!!!”*. O fiel termina sua postagem com a frase: *“Deus é conosco”*, expressão indexicalizada também nessa comunidade.

Logo após o primeiro membro postar as frases motivacionais, outro integrante responde *“Estarei lá com certeza”*, revelando também sua participação e engajamento no grupo e nas aulas. Por último, outro participante escreve um questionamento direcionado à uma diaconisa, o fiel inicia a interação através de um ritual de saudação *“a paz”* tal termo é uma saudação indexicalizada nessa comunidade. O fiel continua sua interação perguntando: *“vc sabe a data certa da formatura?”*, demonstrando seu interesse em concluir o IDE e virar definitivamente um membro efetivo.

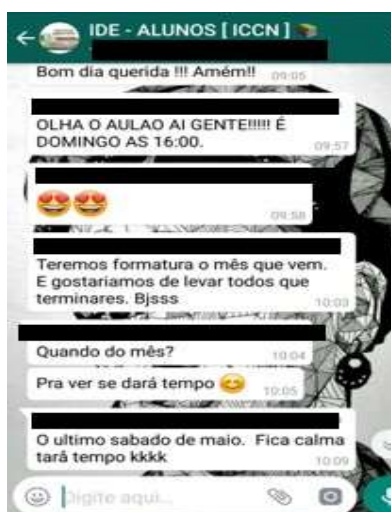


Figura 3- Olha o aulão ai gente!!

Fonte: Rabelo de Sousa (2019, p. 80-81).



Figura 4 – Hoje é dia de reta final

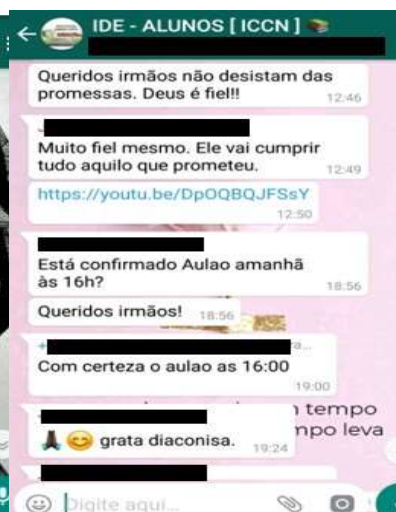


Figura 5 – Com certeza o aulão as 16:00

Nas figuras (3) a (5), observamos o diálogo dos membros sobre o *aulão*. Os aulões realizados pela ICC perto de cada formatura do IDE, para os alunos que faltam terminar as lições consigam se formar. As aulas do IDE têm duração de uma hora; já os aulões duram, no mínimo, três horas.

Destacamos na figura (3), a postagem motivacional de uma das diaconisas responsáveis pelo grupo: *“OLHA O AULÃO AI GENTE!!!! É DOMINGO AS 16:00”*, a mensagem está escrita em letras em caixa alta para chamar a atenção dos outros

integrantes. A diaconisa continua sua mensagem: “*Teremos formatura o mês que vem. E gostaríamos de levar todos que terminares*”. Identificamos aqui, uma hierarquização dos membros, quando a diaconisa revela que gostaria de levar todos os outros fieis que concluirão o IDE. Através dos verbos “ter” e “gostar”, a religiosa se marca como membro antigo em relação aos membros mais novos (alunos do IDE).

Em seguida, outro integrante pergunta à diaconisa: “*Quando do mês? Pra ver se dará tempo*”, demonstrando seu interesse e preocupação em participar da formatura. O verbo “dar” marca sua posição de membro ainda não efetivo, pois depende da formatura do IDE.

Na figura (4), um ministro escreve: “*HOJE É DIA DE RETA FINAL. VAMOS LÁ FORMANDO!!!!!!*”. Utilizando o recurso da escrita em caixa alta e do uso de várias reticências, demonstrando empolgação ao convidar os alunos para o último aulão antes da formatura. As expressões destacadas: *reta final*, fazem referência à conclusão do IDE, etapa que precisa ser concluída para se tornar um contemporâneo. A frase seguinte, inicia com o uso do imperativo “*Vamos*”, como outra forma de intensificar o desejo pela conclusão do curso.

O ministro utiliza também em sua postagem, um recurso multimodal mediante uma imagem, que endossa o convite para o aulão: “*AULÃO. Domingo. Dia 19 de maio. Às 16h*”. Na imagem, a frase do convite está escrita como se fosse giz em uma lousa, ao lado dessa aparecem lápis de cor, remetendo ao contexto de sala de aula. A data da imagem está errada (*19 de maio*), mas no início da mensagem o religioso reforça a data certa através do advérbio de tempo: “*HOJE*”. Outro membro responde igualmente com outro recurso multimodal, expresso por *emoticons*, simbolizados por dois rostinhos sorrindo e mãozinhas juntas, como se estivesse orando.

A figura (5) é iniciada por uma frase de incentivo por outro ministro: “*Queridos irmãos não desistam das promessas. Deus é fiel!*”. Outro membro responde posteriormente: “*Muito fiel mesmo. Ele vai cumprir tudo aquilo que prometeu*”. Percebemos a interação através das expressões indexicalizadas: “*Queridos irmãos*” e “*Deus é fiel*”. O primeiro termo é utilizado pelo grupo como forma de tratamento, é uma expressão referente à irmandade espiritual. O segundo termo é empregado em momentos de encorajamento, remetendo que Deus não irá desamparar e cumprirá o prometido. Todas as promessas pedidas serão realizadas.

Em outro momento, um aluno do IDE questiona se haverá o “*Aulão amanhã às 16h?*.” Uma diaconisa responde imediatamente: “Com certeza o aulão às 16:00”. O aluno responde a diaconisa com um elemento multimodal: duas mãos em sinal de oração e um rostinho expressando sorriso. Nota-se o engajamento da diaconisa ao responder os questionamentos dos alunos sobre o “aulão”, assim como na Figura 3, ela dá todo o suporte e incentivo para que os alunos concluam logo o IDE.

O fator tempo de participação em determinada CP é um indexador marcante em uma CP, pois revela a frequência e engajamento dos membros. Na comunidade estudada, percebemos que os visitantes têm pouca frequência se comparado com os outros ministros, o “tempo” é marcado na figura (1) quando a nova integrante relata seu testemunho de fé de quando iniciou o IDE. O tempo também é bem marcado na escrita dos ministros quando estes incentivam os alunos a frequentarem os “aulões” pois a formatura está próxima.

Os alunos do IDE, por terem mais frequência que os visitantes, apresentam outros tipos de práticas e indexadores, por exemplo: na figura (5) uma aluna afirma a sua leitura da Bíblia; na figura (6) um membro cita um trecho bíblico, o livro sagrado é um indexador desta comunidade. Os ministros, por já serem considerados contemporâneos e possuírem mais tempo na igreja, apresentam outros tipos de indexadores, temos: uso obrigatório da camisa da igreja no culto dos ministérios.

Na imagem a seguir, figura (6), a mesma aluna da figura (1), envia uma mensagem para os outros membros, oferecendo carona para quem quiser ir ao IDE, pois, ela e sua companheira sairão às 16h e passarão por duas cidades. Em sua mensagem, constatamos novamente seu envolvimento com o grupo virtual e com a CP. Em seguida, um dos diáconos comenta a postagem: “*OLHA A BÊNÇÃO NA CARRUAGEM DE FOGO CRENTE!*”, expressão de linguagem figurada que se refere a passagem bíblica em Isaías (66:15), que revela a volta do Senhor através de uma carruagem de fogo. Tal expressão só ganha sentido (indexação) nas comunidades de prática religiosas, no caso dessa comunidade, uma igreja evangélica inclusiva. Outro membro responde logo depois: “*GLÓRIA A DEUS*”, remetendo o entendimento da expressão proferida pelo diácono, demonstrando assim, o conhecimento do repertório linguístico do grupo.





Figura 6 – Carruagem de Fogo. Fonte: Rabelo de Sousa (2019, p. 83).

A seguir, nas figuras (07) a (09), há a interação entre os membros: uma diaconisa e alguns alunos do IDE. A diaconisa inicia, conforme figura (07), a interação com um ritual de saudação indexicalizado pelos índices linguísticos “*a Paz do Senhor*”. Em seguida, envia o conteúdo principal de sua mensagem: a realização de uma brincadeira virtual de perguntas e respostas. O jogo tem como objetivo estimular a integração dos participantes, mas também promoverá a demonstração de engajamento dos membros, além de revelar o conhecimento da religião e do repertório discursivo da comunidade.

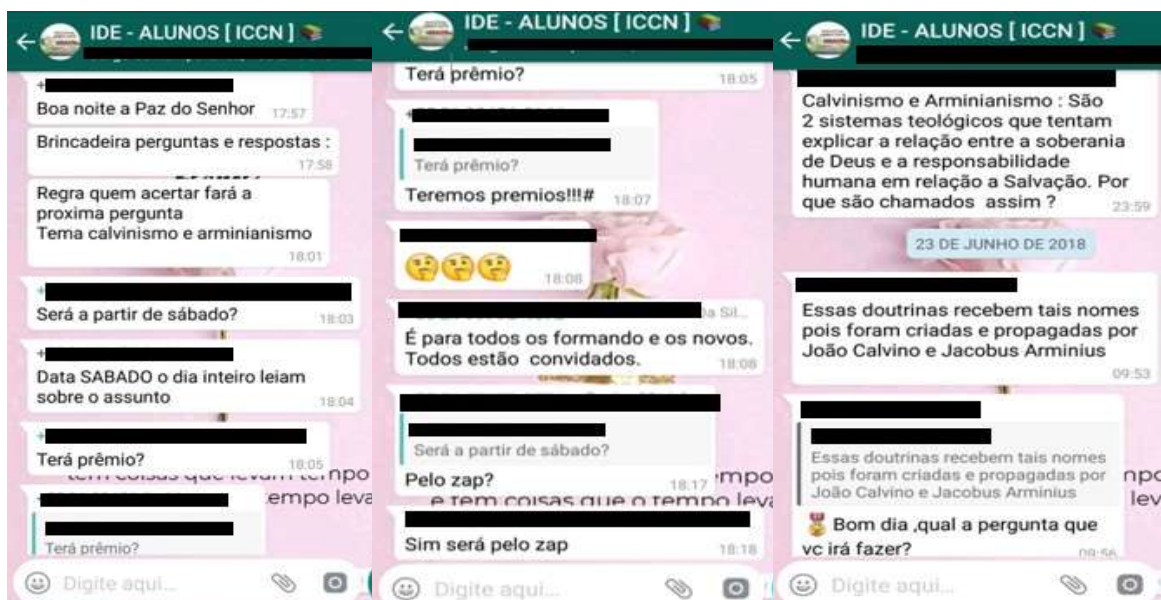


Figura 7 – A Paz do Senhor

Figura 8 – Todos estão convidados

Figura 9 – Calvinismo e Arminianismo

Fonte: Rabelo de Sousa (2019, p. 84).

A diaconisa dispõe as regras e o tema do jogo. Um dos alunos questiona quando

iniciará a brincadeira e a religiosa confirma que será no próximo sábado e estimula o estudo sobre a temática: “*leiam sobre o assunto*”. Outro aluno indaga se haverá prêmio, ainda na figura (7) e figura (8), a diaconisa responde que haverá prêmio e incentiva a participação apenas dos alunos: os novos e formandos. Os membros mais antigos da comunidade não foram convidados a participar da brincadeira, pois, pressupõe-se que esses por terem concluído o IDE e já estarem engajados em cargos eclesiais detêm de mais conhecimentos que os alunos.

Seguindo a interação na figura (9), a religiosa inicia o jogo fazendo uma pergunta geral sobre o tema, uma formanda responde a questão e no final do diálogo a diaconisa confirma a resposta, através da figura de um *emoticon* representando uma “medalha” e solicita um novo questionamento.

Com o passar do dia, a brincadeira foi se desenvolvendo. Na figura (10), a diaconisa questiona uma das alunas mais ativas no grupo virtual sobre a sua participação no jogo. A aluna responde que não está jogando, pois está participando de um workshop em outra igreja. Porém, antes de responder a diaconisa, a aluna ressalta a participação de sua companheira na brincadeira, na frase: “*Meu amor está arrebrandando. Enem terminou o IDE*”. O trecho destacado revela o engajamento e participação ativa da companheira na comunidade e na brincadeira. A outra aluna também é uma formanda.

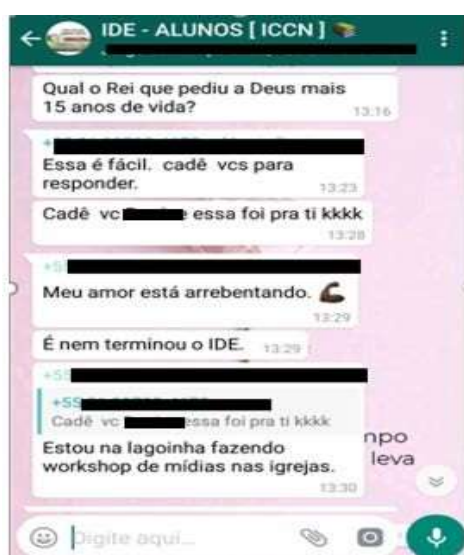


Figura 10 – É nem terminou o IDE

Fonte: Rabelo de Sousa (2019, p. 85-86).

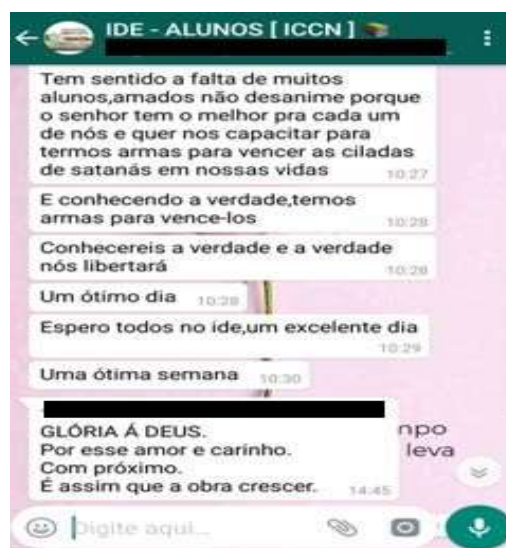


Figura 11 – Conhecereis a verdade e a verdade ós libertará

Na figura (11), temos a postagem de um ministro, sua mensagem é direcionada aos alunos que estão ausentes nas reuniões do IDE. Além da lembrança da ausência, sua postagem tem o teor de encorajamento e estímulo para que os aprendizes não desanimem do IDE e da vida religiosa. Ele ressalta no trecho: “*o senhor tem o melhor para cada um de nós*” remetendo que só através da fé e da participação ativa na igreja que os fiéis conseguirão vencer o mal, representado pelo vocábulo: “*satanás*”.

O membro conclui sua mensagem com um versículo bíblico: “conhecereis a verdade e a verdade nos libertará”, mencionando uma passagem em que Jesus prega para seus discípulos, em João 8:32. O religioso revela, assim, seu conhecimento bíblico e indexa sua identidade de ministro perante aos outros membros. Sobre a indexação das identidades sociais, Pontes (2009, p. 33) destaca:

A indexação das identidades sociais é desempenhada por estruturas e categorias linguísticas e discursivas que exercem esse papel, e nem sempre são gramaticalizadas. É importante perceber que essas estruturas e categorias não têm valor em si mesmas a não ser que sejam interpretadas em uma situação comunicativa maior, que envolve papéis e relações sociais.

É através dos indexadores que os membros conseguem se marcar dentro de uma CP, pois o uso desses índices linguísticos apresenta a posição ideológica de cada membro. Os indexadores sinalizam a relação entre os participantes de um grupo, quais são os papéis sociais que esses desempenham, revelando assim, a identidade social de cada indivíduo.

Os ministros das figuras (4), (5) e (11); a diaconisa nas figuras (3), (7) e (8); se apresentam nas interações identificando-se como membros mais velhos que exercem o papel de liderança em relação aos membros mais jovens da igreja. Suas identidades são marcadas através do uso de verbos no imperativo e nas mensagens de motivação. As alunas das figuras (1), (2) e (10) marcam seus engajamentos e papel de novos membros ou formandos.

A seguir, procuramos reunir algumas especificações de cada grupo analisado, que estão dispostos no quadro (2), a seguir.

VISITANTES	IDE	MINISTÉRIOS
<ul style="list-style-type: none"> <li>* Testemunho de fé (no culto ou no grupo virtual);</li> <li>* Participam do coral em datas especiais.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Mensagens de motivação para continuar no IDE;</li> <li>* Envio de versículos da Bíblia;</li> <li>* Participação em Redes.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Inclusão dos novos membros no grupo;</li> <li>* Envio de gifs (cartaz motivacionais);</li> <li>* Informes sobre o culto;</li> <li>* Mensagens de motivação para a conclusão do IDE e seguirem o caminho dentro da igreja;</li> <li>* Citação de passagens da Bíblia e perguntas para os alunos do IDE;</li> <li>* Participação na reunião de todos os ministérios;</li> <li>* Uso da camisa da igreja nos cultos específicos do Ministério.</li> </ul>

**Quadro 2 – Resumo das principais práticas discursivas utilizadas pelo *WhatsApp* (Fonte: Rabelo de Sousa, 2019, p. 87).**

Se observarmos os diferentes usos linguísticos apontados na análise das produções feitas no suporte *WhatsApp*, bem como do quadro (5), acima, podemos dizer que a construção de identidade dos membros da CP é enfatizada conforme os falantes fazem a evolução dentro da CP, ou seja, vão constituindo suas personas (identidades) a partir das variantes disponíveis, que evocam diferentes indexicalidades, o que confirma os apontamentos de Eckert (2005, 2012) que múltiplas variáveis também podem caracterizar variedades linguísticas baseadas em identidades ou práticas.

### Considerações Finais

Partindo da hipótese que indexadores marcam as práticas de certas comunidades de prática, através destes índices e do domínio do repertório discursivo podemos observar como os membros conseguem se marcar dentro do grupo, uma vez que o uso dos indexadores revela a posição ideológica de cada indivíduo.

Para avaliarmos nossa hipótese de pesquisa, através da pesquisa qualitativa, acompanhamos durante quase um ano o grupo de interação do aplicativo *Whatsapp*. Podemos perceber as diferenças de engajamentos dos seis entrevistados e dos membros do grupo virtual do *Whatsapp*. Os visitantes por ainda não serem considerados membros efetivos são os que menos apresentam práticas, não menos importantes, porém ainda não compartilham os traços identitários da comunidade. Os visitantes ainda não participam do IDE, não são batizados na congregação, não são dizimistas, suas participações são periféricas tais como: a participação nos cultos e no coral.

Enquanto os alunos do IDE já apresentam algumas práticas e em seus discursos o desejo de integração aparece constantemente. Todos os alunos do IDE entrevistados

revelaram em suas respostas o desejo de se batizar na congregação, enquanto a visitante ainda demonstrava insegurança sobre o assunto. Os alunos do IDE também são dizimistas, comprovando mais uma prática. A intenção de terminar o IDE e entrar em algum ministério também esteve presente nas respostas, embora os estudantes ainda não conhecessem todos os grupos existentes na igreja, transparecendo o início de seus engajamentos.

Os diáconos e ministros em todo momento de interação evidenciavam seus engajamentos e suas identidades de líderes eclesiais. Nos diálogos do *Whatsapp*, o uso de verbos no imperativo, as referências de passagens bíblicas e expressões do mundo “crentês”, revelavam a busca do engajamento mútuo da comunidade e da acolhida dos membros mais jovens. As ativas participações dos membros antigos no grupo virtual, servem de inspiração para os novos membros.

Quanto mais engajado, o repertório linguístico de um membro se expande, constatamos essa afirmação nas interações dos membros mais antigos. Os diáconos e ministros utilizaram mais termos cristãos, apresentavam mais domínio sobre as referências dos textos sagrados. Soma-se que, conforme a integração vai ocorrendo, a distinção entre membros periféricos e centrais ficam mais marcadas, seja através de práticas discursivas, seja por práticas não discursivas.

Em resumo, considerando as três características da definição de CP: engajamento mútuo, empreendimento comum e um repertório compartilhado (WENGER, 1998), em relação às interações no *WhatsApp* percebemos que os membros mais antigos apresentam em seus discursos o incentivo de engajamento mútuo dos participantes, em prol do empreendimento comum da comunidade. Os membros mais novos também apresentam em suas interações o envolvimento na comunidade, embora apresentem menos práticas. O repertório linguístico é reforçado diariamente no grupo, através de testemunhos de fé, de passagens bíblicas e do envio de louvores.

## REFERÊNCIAS

ECKERT, Penelope. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. In: *Annual Review of Anthropology*. Palo Alto, 2012.

\_\_\_\_\_. *Linguistic Variation as Social Practice*. Oxford, U.K.: Blackwell, 2000.

\_\_\_\_\_. *Variation, Convention, and social meaning*. Paper Presented at the Annual Meeting of the Linguistic Society of America. Oakland, 2005.

\_\_\_\_\_. *Variation and the indexical field*. In: Journal of Sociolinguistics, 2008.

\_\_\_\_\_; McCONEELL-GINET, Sally. *Think practically and look locally: language and gender as community-based practice*. Annual Review of Anthropology 21, p.461-490, 1992.

\_\_\_\_\_.; McCONEELL-GINET, Sally. *Language and Gender*. New York: Cambridge University Press, 2003.

\_\_\_\_\_. Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder. In: Ostermann, Ana Cristina & Fontana, Beatriz. (Orgs.) *Linguagem, gênero, sexualidade: clássicos traduzidos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

HOLMES, Janet. Meyerhoff, Miriam. *The Community of Practice: theories and methodologies in language and gender research*. Cambridge University Press, v.8, n.2, 1999.

\_\_\_\_\_. *Women, language and identity*. In: Journal of Sociolinguistics, USA, 1997 (195-223).

LABOV, William *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LAVE, J.; WENGER, E. *Situated learning: legitimate peripheral participation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

PONTES, Herimatéia. *A indexicalidade na construção discursiva de identidades sociais*. In: Revista do Gelne, Piauí, v.11, n.1, 2009.

RABELO DE SOUSA, Carolina. *Sorria! Jesus te aceita: um estudo sobre a indexicalidade em uma comunidade de prática evangélica inclusiva*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), 2019.

WIEDEMER, Marcos Luiz. OLIVEIRA, Márcia Lisbôa Costa. Ler e escrever pra quê? Sentidos do letramento escolar para adolescentes em conflito com a lei. *Revista UNIABEU*, Belford Roxo, v.8, n.18, 2015, p. 347-363.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz T. da (Org); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn, *Identidade e diferença- a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, Editora Vozes, 2003.

Enviado em: 20 de junho de 2020.

Aceito em: 1 de julho de 2020.